

JUL/AGO/1987 - Nº 4

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista

Pobreza no Púlpito



**DE QUE ESPÉCIE FOI A
ÚLTIMA CEIA DO SENHOR?**

ARTIGOS

3 MÚSICA ROCK:
SALVEMOS NOSSOS JOVENS
Jorge M. Bruno

6 O BATISMO PELOS MORTOS
Daniel Scarone

8 O SEXO E O
PASTOR CASADO
Alberta Mazat

11 DE QUE ESPÉCIE FOI A
ÚLTIMA CEIA DO SENHOR?

13 POBREZA NO PÚLPITO
John Osborn

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Paulo S. Gusmão; **Programador Visual:** Vilma B. Piergentile; **Capa:** A. Rios; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho.

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279 - Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34 - 18270 - Tatuí, SP.



Música Rock: Salvemos Nossos Jovens

De todas as expressões musicais originadas pelo homem, nenhuma se tornou tão popular e universal entre os jovens, superando barreiras lingüísticas, ideológicas, culturais e religiosas, como a música rock. Naturalmente, essa música atravessou também fronteiras denominacionais, e está realizando sua obra entre os queridos jovens da igreja.

Não faz muito, realizou-se uma pesquisa¹ em três colégios secundários adventistas de Porto Rico, com os seguintes resultados: de 400 jovens adventistas — 60% do total dos alunos entrevistados — 36% considerava o rock sua música preferida. As cifras chegam a 46%, se considerarmos o total de alunos; e, tomando só os não adventistas, a 62%.

Embora os dados revelem que a penetração dessa música é muito menor entre nossos jovens, comparados com os não adventistas, a preocupação tem base sólida, uma vez que esses 36% a colocam em primeiro lugar em preferência, sem incluir a segunda, a terceira ou a quarta. Além do mais, só 40% dos jovens adventistas deram o primeiro lugar, em sua preferência, à música religiosa. Quase ninguém escolheu a música clássica.

Minha pergunta é: Estará acontecendo esse mesmo fenômeno em vossa igreja? Já pensastes em como enfrentar este mal que quer generalizar-se ainda mais? Depois de pesquisar, escrever, gravar e apresentar o assunto "O Lado Oculto do Rock" a mais de 6.000 jovens em Porto Rico, procurarei dar algumas respostas que vos ajudarão em vosso ministério.

A primeira coisa que dizemos a nossos jovens, depois de termos lido ou ouvido algo contra o rock, é: "Não ouçam essa música; é satânica". Contudo, não lhes fornecemos

informações e indícios claros, a fim de que tomem uma decisão inteligente. Não basta classificar alguma coisa como "satânica" se não tivermos demonstrado o porquê e o como de sua malignidade. Creio que, como líderes da igreja, devemos informar-nos e nos preocupar no sentido de fazer com que essa informação chegue aos jovens, que tanto dela necessitam. Se depois de adverti-los de maneira inteligente e compreensiva continuarem ouvindo essa música, estaremos então isentos de responsabilidade diante de Deus, embora não isentos da responsabilidade de continuar orando e agindo com paciência e amor salvadores. Ao mesmo tempo que os advertimos sobre o mal, devemos oferecer-lhes orientação e música

que sirva como alternativa. Aprender a escolher boa música é um trabalho que requer tempo, esforço, sabedoria e perseverança, tanto da parte dos líderes da igreja como dos pais.

Existem dois tipos básicos de rock: o "soft-rock" (rock leve) e o "heavy-metal" (metal pesado). O rock suave caracteriza-se por ser melódico, com ritmo e pulsações ("beat") menos acentuados; é menos ruidoso e violento do que o pesado, caracterizado por um ritmo forte, veloz e impetuoso; por sua estridência instrumental, sua letra cantada quase aos gritos, e especialmente seus efeitos sonoros repetitivos que exercem uma notável ação hipnótica.

Na minha maneira de ver, as duas formas — a suave e a pesada — são meios empregados pelo inimigo de Deus para retirar de muitos jovens o gosto pelas coisas de valor eterno. No caso do rock suave, a penetração satânica é menos clara e mais sutil — embora haja exceções — mas igualmente perigosa.

EVIDÊNCIAS DE DISTANCIAMENTO DA VERDADE

Neste artigo, proponho-me a apresentar algumas evidências pelas quais essa música está à margem do evangelho e da verdade:

1. *O destaque excessivo dados aos aspectos sensuais da música.* Esse destaque é um desvirtuamento dos elementos que apelam à razão e à consciência. Esse desequilíbrio ocorre tanto no movimento físico da dança, como na letra e na música.

A expressão "rock and roll" foi cunhada "por um locutor de rádio da cidade de Cleveland, que a tomou emprestado do geto negro onde era usada para descrever uma manifestação sexual".² Não se pode negar a estimulação sexual do rock. Jovens adeptos do rock confessaram-me quão fácil era seduzir uma mulher depois de um concerto ou de dançá-lo.

Uma pesquisa realizada em 1977, nas escolas públicas do norte do Estado da Flórida, nos EE. UU., revelou que de 1.000 jovens solteiras que ficaram grávidas, 984 conceberam enquanto ouviam música rock.³

Casualidade, ou associação clara?

2. *O uso excessivo da amplificação.* Quer se ouça com audíofones, num aparelho doméstico, ou ao vivo, a amplificação faz com que o poder do rock seja total. Em uma audição ao vivo, a potência do som produz massagem em todo o corpo e no ouvido, a tal ponto que se chega a perceber visceralmente, porque as faculdades auditivas ficam adormecidas. Desse modo, a mente fica à mercê do corpo e obedece a seus instintos. O recorde mundial de amplificação em um concerto ao vivo pertence ao grupo britânico "The Whw", que em 31 de maio de 1976 utilizou 76.000 vátios de potência, num concerto apresentado em um estádio de futebol em Londres. A 50 metros de distância do aparelho de som, o decibelímetro indicava 120/dB, potência suficiente para produzir alterações temporárias ou permanentes na audição.⁴

3. *Induz à perversão sexual.* Uma preocupada mãe publicou na seção "Minha Vez", da revista semanal *Newsweek*, uma denúncia contra a pornografia no rock.⁵ Ela cita como exemplo a canção "Eat Me Alive" (Coma-me vivo) do grupo *Judas Priest*, cujo tema é um ato sexual oral exigido a mira de revólver. Também menciona, entre outras, a canção "Ten Seconds to Love" (Dez segundos para amar), que descreve uma relação sexual dentro de um eleva-

dor. A sexualidade "roqueira" é mecânica, animal e desprovida de amor.

Há também canções que promovem ou descrevem condições homossexuais (o grupo *Queen* — rainha, sinônimo de homossexual — até o nome expressa sua filosofia de vida), a masturbação e a violação do sétimo mandamento.

Não é preciso saber inglês para ser influenciado; a própria música se encarrega de "libertar" aquele que voluntariamente se coloca sob seu poder enfeitiçante. Se à música acrescentarmos o ambiente e as companhias, sua influência será avassaladora, e desfará o gosto pelas coisas espirituais.

4. *Desperta atitudes violentas e delituosas.* O culto a Satanás, as drogas e a música rock levaram o jovem Richard Kesso de 17 anos e seus amigos a assassinar, entre cânticos e rituais satânicos, outro adolescente, enquanto o obrigavam a gritar "amo a Satanás". Kesso foi para a prisão e ali se enforcou. O grupo AC/DC era seu preferido.⁶

O conhecido delinqüente, Richard Ramirez, de Los Angeles, Califórnia, praticou 20 violações e assaltos a californianos, além de 16 assassinios, inspirado numa canção do grupo AC/DC, intitulada "Night Prowler" (O Traidor Noturno) do álbum "Highway to Hell" (Rodovia para o Inferno). A música descreve alguém que penetra no quarto de um estranho. Era a música preferida de Ramirez.⁷

Surpresa, uma mãe explicou-me sua reação ao chegar a um estádio coberto, levando seus filhos a um concerto de rock. Era a primeira vez que iam a um lugar assim. Ao observar de fora o que ali se fazia, ficou horrorizada, e se retirou em seguida. Viu cadeiras sendo destruídas, gritos descontrolados, grotescas acrobacias e outras barbaridades que seres racionais não podem tolerar.

Observa-se a violência nos próprios cantores: quebram guitarras e microfones, comem vivos animais, e suas fisionomias desfiguradas e em transe assemelham-se grandemente às caricaturas dos demônios. Naturalmente, nos concertos não falta a droga, anunciada através da própria letra das músicas. Denomina-se "Acid Rock" (Rock Ácido) às canções que favorecem as drogas ou que foram compostas sob o efeito destas.

5. *Satanismo sutil ou aberto.* Este foi o ponto que mais pesquisei e sobre o qual se-

rei mais explícito, dentro das limitações do espaço deste artigo.

a. *Os nomes.* A maioria dos grupos mais famosos de rock (quase todos britânicos) tem um nome com significado oculto. Muitos de seus significados são satânicos ou fazem alusão à obra do inimigo de Deus. Por exemplo: *Black Sabbath* (Sábado Negro), *Judas Priest* (O Sacerdote Judas), *Grateful Dead* (Morto Agradecido), *Styx* (que é do inferno ou relativo a ele; provém do nome próprio *Estige* — rio do Inferno, da mitologia grega), *Alice Cooper* (nome dado por um demônio, numa sessão espírita, a um cantor chamado Vincent Fournier, filho de um pastor batista da cidade de Phoenix, Arizona).

b. *As máscaras ou capas.* Inúmeros álbuns estão cheios de elementos ou figuras com nítidas conotações satânicas. Aparecem diabos, chifres, estrelas de cinco pontas, cruzes invertidas, animais monstruosos, bruxos, endemoninhados, divindades pagãs, monólitos de convocação de espíritos, etc. No álbum intitulado "*The Number of the Beast*" (O Número da Besta), do grupo *Iron Maiden*, aparecem uma caveira vivente, um diabo todo vestido de vermelho e uma cena que se assemelha a um inferno de fogo, onde se retorcem sombras que parecem humanas e angelicais. Na contracapa, está escrito em letras antigas encorpadas: "Apocalipse 13:18".

c. *Os temas.* A técnica religiosa é muito intensa no rock (principalmente por causa de suas raízes históricas, em parte como uma metamorfose da música negra norte-americana) e apresenta uma sugestiva e hipnótica mistura de espiritismo, orientalismo e pseudocristianismo.

Alguns exemplos de título de canções: "*Demons and Wizards*" (Demônios e Feiticeiros); "*Evil Ways*" (Caminhos do Diabo); "*Friend of the Devil*" (O Amigo do Diabo); "*Devil's Child*" (Menino do Diabo); "*Vision of Paradise*" (Visão do Paraíso); "*Dragon Attack*" (Ataque do Dragão); "*Rhythm Devils*" (Ritmo Diabólico); "*Guru's Song*" (Cântico de Guru); "*Reincarnation*" (Reencarnação). A lista é muito grande, mas creio que estes exemplos sejam suficientes para mostrar o interesse dos compositores do rock. Há também assuntos bíblicos e teológicos, temas sobre a morte e a imortalidade, sobre o sangue, sobre a pedra e sobre os animais, como também sobre o sexo, as drogas e a libertinagem.

d. *As mensagens ocultas.* Algumas letras de música rock, gravadas em inglês, contêm mensagens ocultas, perceptíveis ao serem ouvidas ao contrário; a maioria tem um nítido cunho satânico. Não estou informado se foram pesquisadas músicas em outros idiomas, mas é possível que contenham mensagens semelhantes. Algumas dessas mensagens foram introduzidas de

propósito, e por isso a voz de trás para a frente é quase natural; outros, porém, ali estão, sem que seus autores o percebam ou pretendessem colocá-las e, por conseguinte, a voz humana está bastante distorcida, mas não o suficiente para que as mensagens não sejam entendidas.

As piores mensagens que já ouvi, são: o que aparece na música "El Dorado", do grupo *Electric Light Orchestra* (ELO), que diz: "*You are the nasty one Christ. You are infernal*" (Tu es a porcaria, Cristo. Tu és infernal). E as sete mensagens da canção "*Stainway to Heaven*", do grupo *Led Zeppelin*, entre as quais estão: "*I live with Satan*" (Vivo com Satanás); "*He will give you six, six, six*" (Ele te dará seis, seis, seis) e "*Here's to my sweet Satan*" (Aqui está para meu doce Satanás). O que mais impressiona, nessa letra, é que seu ritmo é muito suave, quase como uma balada, tendo como fundo som de flauta. Pertence ao que seria o rock suave. A letra da música refere-se a uma jovem que morreu e se tornou imortal. O título em português seria "Escada do Céu".

Como se pode ver, o rock suave não é "melhor" do que o pesado, embora nessa última modalidade o satanismo seja mais visível e sem acanhamento.

Muitas músicas possuem essa espécie de mensagens que, embora não sejam captadas pela mente consciente, agem, contudo, a partir do inconsciente, a despeito de sabermos ou não o inglês. E se ouvís a desculpa: "Não ouço esses grupos satânicos"; ou, "ouço apenas o suave", lembrai-vos de que existem todos os outros elementos de julgamento mencionados antes, e ainda a possibilidade de que se trate de uma música como "Escada Para o Céu".

Minha mensagem final, é: se descobirdes em vossa igreja jovens "viciados" no rock ou em outra espécie de música secular da região, que seja imprópria para um cristão, procurai com oração e esforço a maneira de fornecer-lhes orientação e ajuda. Se não o fizerdes, quem o fará?

O Batismo Pelos Mortos

A 2 de maio de 1943, um grupo de pessoas observava da ribanceira, escondido e silencioso, uma curiosa cerimônia que era realizada em um rio. Logo perceberam que se tratava de um batismo. Dois religiosos o oficiavam. Chamou-lhes a atenção o fato de que alguns dos batizados eram submergidos várias vezes. Alguém se juntou ao grupo dos espectadores ocultos e lhes informou que aquilo que viam era um batismo pelos mortos, destinado especialmente a interceder em favor daqueles que

não tiveram oportunidade de aceitar em vida as doutrinas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (ou mórmons). Silenciosa e cautelosamente, o grupo aproximou-se um pouco mais da cena e ouviu vários nomes serem pronunciados pelos oficiantes. É impossível imaginar a surpresa que deles se apoderou ao ouvirem o nome do famoso patriota norte-americano George Washington.¹

Uma interpretação peculiar do texto de I Cor. 15:29, deu lugar, no mormonismo, a essa prática ritual que se realiza nos templos em favor dos mortos. Por causa dessa prática, homens notáveis do passado foram unidos *post mortem* a essa igreja.

Os mórmons adotam como fundamento dessa doutrina o texto que diz: "Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles então pelos mortos?" (I Cor. 15:29).

UMA PASSAGEM DIFÍCIL

Por certo, esta não é uma passagem fácil. O comentarista Adam Clark considerava que era o versículo mais difícil do Novo Testamento.²

Essa passagem suscitou inúmeras explicações. Alguns eruditos enumeravam até trinta interpretações, mas a maioria delas

pode ser descrita em quatro correntes fundamentais: 1) os que encontram uma solução emendando e reconstituindo o texto; 2) os que dão ao versículo um significado metafórico, afirmando que sua mensagem representa o sofrimento e a aflição, e que não pode ser considerado literalmente. Também há 3) os que tomam o texto em sentido mais óbvio, isto é, como se referindo realmente a um batismo vicário pelos mortos, esclarecendo, além disso, que essa era uma prática herética surgida bem cedo;³ e 4) os que analisam este texto considerando possíveis variantes de tradução da passagem; situando-o dentro do tema da ressurreição.

ALGUMAS INTERPRETAÇÕES POSSÍVEIS

Entre as interpretações mais antigas consideradas como possíveis, encontra-se a sugerida por Foschini, e que atualmente é defendida em certos meios teológicos como a solução mais provável. Esse autor sugeriu mudar a pontuação, dividindo em duas a frase constitutiva do verso e colocando um pequeno acréscimo no texto original. De acordo com sua sugestão, o texto seria redigido da seguinte maneira: "Se fosse de outra maneira, que ganhariam os que se batizam? (Batizam-se) pelos mortos? Se de maneira alguma os mortos ressuscitam, por que se batizam? (Batizam-se) por eles?"⁴ Segundo este parecer, a interpretação que se extrairia do texto não seria a de um batismo vicário pelos mortos, mas a de: por que batizar-se, uma vez que não há ressurreição dos mortos? O batismo é um símbolo da morte e da ressurreição, mas se não há ressurreição — assunto principal e fundamental de I Coríntios 15 — a representação desse acontecimento (o batismo) não tem sentido, e seu significado é vão.

Uma segunda corrente de interpretação procura considerar a passagem dentro do contexto em que ele se apresenta, isto é,

como uma prova a mais em favor da ressurreição. Segundo esse ponto de vista, a expressão: "De outra maneira", ou "se fosse de outra maneira" (versão Nacar-Colunga) com que esse verso é iniciado, referir-se-ia ao argumento que se elabora entre os versos 12 e 28, e que poderia ser parafraseado como: "Mas se não há ressurreição..." De acordo com isso, o vocábulo "batismo" é figurativo e quer dizer: enfrentar riscos, perigos e mesmo a morte (S. Mat. 20:22). Hoje se fala do "batismo de fogo" de um soldado, sem querer dizer que este seja submergido dentro do fogo, mas que enfrenta, ou enfrentou, sua primeira batalha.

Assim sendo, "os que se batizam" referir-se-ia aos apóstolos, que constantemente desafiavam a morte ao proclamar a esperança da ressurreição num meio pagão e hostil (I Cor. 4:9-13). Paulo relata sua própria experiência, dizendo: "Por que estamos nós também a toda hora em perigo?" (I Cor. 15:30). "Os mortos", aos quais se faz referência, seriam os mortos cristãos dos versículos 12 a 18 e, potencialmente, todo cristão que tenha uma esperança para além da morte (versos 12 e 19).⁵ De acordo com esta interpretação, o significado do texto seria: "Mas se não há ressurreição, que estão fazendo os mensageiros do evangelho? Acaso não estão enfrentando a morte pelo bem de homens que, afinal de contas, estão destinados a perecer?" Essa interpretação salienta a insensatez do risco que se corre por pregar um evangelho que proclama uma ressurreição inexistente. Mas justamente a certeza da ressurreição é o que reavivou sua mensagem evangélica.

A outra linha interpretativa afirma que Paulo se está referindo a um costume herético, pelo qual os cristãos vivos — não todos os crentes coríntios, mas um grupo herético — batizavam-se vicariamente pelos familiares ou amigos que não receberam o batismo durante a vida. Tertuliano refere-se aos marcionitas, um grupo herege do cristianismo primitivo que praticava o batismo pelos mortos.⁶ Devemos reconhecer, porém, que esta interpretação surge de uma suposição até o momento não demonstrável — pelo menos através das fontes históricas disponíveis — a de que tal prática remontava aos tempos de São Paulo. Mas ainda que isso fosse possível, o apóstolo de modo algum está favorecendo este ensinamento.

Dentro dessa perspectiva analítica, outra variante que aceita o aparecimento extemporâneo desse desvio, detém-se na conside-

ração de que o apóstolo, neste capítulo, usa expressões como "eu", "me", "nós", "vós", quando se refere a si mesmo (Paulo) e à igreja (de Corinto). Mas quando se refere ao batismo pelos mortos, há uma mudança para a terceira pessoa do plural: "Que os que se batizam pelos mortos?" Nos versos seguintes Paulo volta a utilizar a primeira pessoa do singular e do plural. Dessa forma, Paulo separaria os crentes coríntios, e a si mesmo, de um grupo herético que praticava o batismo vicário em favor dos mortos.

Outra linha de análise surge da consideração da expressão *huperton nekron*. Este ponto de vista focaliza uma variante de tradução da qual surge, conseqüentemente, uma nova leitura do significado. O conceito do batismo vicário aparece em uma interpretação possível do vocábulo *hyper* que, entre outros significados, quer dizer "em favor de". Se aplicada essa tradução, surge o batismo por (em favor de) os mortos. Contudo, Arndt e Gingrich, em seu dicionário de palavras gregas, propõe outra tradução possível, e aplicável no genitivo, além da anterior, que é considerar *hyper* no sentido de "por respeito a" ou "em consideração a", ou "por motivo de" alguém.⁷

A partir dessa posição, muda todo o enfoque do texto e também o sentido que este teria. Já não aparece a leitura de um batismo vicário, mas um agradecimento dos crentes vivos pelo exemplo cristão que ofereceram em vida os que já morreram, mas cujas obras os seguem (Apoc. 14:13). Esses cristãos morreram, mas deixaram atrás de si uma viva influência, e aqueles que os conheceram leram nessas "cartas" vivas (II Cor. 3:2) o evangelho do Senhor Jesus Cristo, e agora se batizam por "consideração a" os mortos que enquanto viviam foram cristãos exemplares.⁸ Se introduzirmos essa idéia no texto, seu significado seria: "Que farão os que se batizam pelos (o exemplo de) mortos, se de modo algum ressuscitam? Por que, pois, se batizam por (consideração a) os mortos?" Nesse esquema, Paulo continua realçando a doutrina da ressurreição. Segundo essa nova espécie de leitura, Paulo afirmaria que o batismo, mesmo o daqueles que seguem o exemplo dos santos que morreram, seria desnecessário caso não houvesse ressurreição, pois sem ela toda esperança é vã, e o batismo carecia de significado.

ELEMENTOS QUE ENTRAM NA INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

Nenhuma das interpretações anteriores

coincide com a idéia de um batismo vicário em favor dos mortos como um ensino apostólico.

Este texto deve ser tratado segundo seu contexto imediato, e tendo em conta o fio temático que Paulo desenvolve em I Coríntios 15: a ressurreição. Por sua vez, toda possível interpretação deve ser extraída considerando o sentido mais elevado contido na carta aos Coríntios, atentando para o pensamento paulino revelado em outros escritos, e harmonizando toda dedução com o pensamento bíblico geral.

Esse sentido mais elevado oferece um esquema dentro do qual deve ser feita a dedução do significado do texto, considerando, naturalmente, os aspectos lingüísticos e gramaticais como ferramentas fundamentais da busca do significado. Escapar a esse sentido pode levar-nos a ver idéias pessoais dentro do texto, o que finalmente nos impedirá de conhecer seu significado.

Por outro lado, esse sentido geral que unifica o pensamento dos autores bíblicos, defende os seguintes aspectos, que devemos levar em consideração:

1. A salvação é por graça, e a graça é dada livremente por Deus ao crente, e o homem apropria-se desse dom por meio da fé (Efés. 2:8). Mas não vemos na Bíblia que um indivíduo possa crer em lugar de outro, ou converter-se ou batizar-se por outro. Não obstante, é possível que o exemplo de um crente guie um incrédulo. Lembremo-nos, porém, de que o homem não se salva em grupos, nem em lugar do outro. Diz Ezequiel: "Noé, Daniel e Jó... pela sua justiça livrariam apenas a sua alma, diz o Senhor Jeová" (Ezeq. 14:14). Nenhum membro da igreja do primeiro século terá lido esta carta (I Coríntios) entendendo que a fé de um crente vivo podia ser reconhecida como benéfica a um incrédulo morto.

2. Em parte alguma da Bíblia se autoriza a praticar um batismo em favor dos mortos.

3. O apóstolo Paulo não apóia este ensino. Além disso, é difícil defender que chegou a ser praticado nos tempos de Paulo. De qualquer maneira, a afirmação paulina não é mais do que uma referência incidental, e não uma validação doutrinária. E, obviamente, uma referência não significa a autorização apostólica.

4. Por outro lado, bem sabemos que a Bíblia ensina que esta vida é a única oportunidade com que contamos, e o destino individual não pode, portanto, ser aperfeiçoado após a morte (Ecl. 9:10).

5. Após a morte, o indivíduo entra numa fase de inconsciência, e espera até o momento do regresso do Senhor (Ecl. 9:5; I Tess. 4:13-18). Estes últimos textos são terminantes, pois estando inconscientes os mortos não podem crer, nem sentir, nem decidir.

CONCLUSÃO

Paulo utiliza em I Coríntios 15 uma ampla e sortida gama de argumentos tirados da *praxis* cristã que, de concreto, ilustra a segura confiança na ressurreição dos mortos.

1. Jerald y Sandra Tanner, *Mormonism. Shadow ou Reality?* (Salt Lake City, Modern Microfilm Company, 1982), pág. 451.

2. Adam Clarke, *Comentario de la Santa Biblia* (Kansas City, Casa Nazarena de Publicaciones, 1976), pág. 424.

3. Máximo Vicuña, *La resurrección de los muertos* (Buenos Aires, tese doutrinária apresentada como requisito no I.S.E.D.E.T., 1982), pág. 136.

4. Foschini, *Those who are baptized for the dead, I Cor. 15:29* (Os que se batizam pelos mortos, I Cor. 15:29) Worcester, 1951, citado por Lorenzo Turrado, *Biblia Comentada* (Madrid, Biblioteca de Autores Cristão, S.A., 1965), vol. 6, pág. 447, nota 5.

5. Francis D. Nichol, editor, *Seventh-day-Adventist Bible Commentary* (Washington D.C., Review & Herald Publishing Association, 1956), vol. 6, 807.

6. Tertuliano, *Contra Apion*, vol. 10.

7. William F. Arnd e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Chicago, The University of Chicago Press, 1965), pág. 846.

8. Gleason L. Archer, *Encyclopedia of Bible Difficulties* (Grand rapids, Zondervan Publishing House, 1982), págs. 401 e 402.

ALBERTA MAZAT — Professora de Terapia Matrimonial e Familiar da Universidade de Loma Linda

O Sexo e o Pastor Casado

Estou sendo incentivada pela revista *Ministry* a escrever um artigo a respeito

da sexualidade e o pastor. Pelo menos parece que nossa igreja está capacitada a usar a

linguagem e a discutir assuntos que antes pareciam quase profanos. É bom sabermos que finalmente podemos falar sobre aquilo que Deus criou com solicitude e propósito.

Estou animada especialmente pelo fato de poder dirigir-me aos pastores — essa grandiosa, e na maioria dos casos viril, categoria que dirige o rebanho de Deus semana após semana. Isso representa uma mudança positiva. No passado, muitas vezes as esposas dos pastores foram encarregadas de cuidar de todos os interesses do relacionamento marital. Dizia-se que essas notáveis e abnegadas senhoras deviam satisfazer as necessidades social e sexual de seus atarefados esposos; que deviam sacrificar-se; que deviam ser compreensivas e sensíveis, a fim de evitarem ser a causa de infidelidade.

Ao falar a grupos de esposas de pastores, tenho ouvido muitas vezes senhoras expressarem tanto frustração como satisfação, ansiedade bem como alegria, por fazer parte da equipe do pastor. Os desafios da vida pastoral são muito reais, e manter uma experiência sexual positiva é uma responsabilidade mútua, que tanto um como o outro precisam considerar importante.

PROBLEMA COMUM

São as dificuldades conjugais um problema fora do comum entre os pastores? A informação estatística é clara. Lyle Schaller estima que o índice de divórcio de pastores no mínimo quadruplicou, desde 1960. Num artigo escrito em *Christianity Today*, Robert J. Stout menciona a avaliação de Schaller e se refere à declaração de G. Lloyd Rediger, segundo a qual 37 por cento do clero que trabalha em sua organização estão considerando a possibilidade de divórcio. Baseado em precedentes, Rediger acha que aproximadamente metade desses realmente se divorciarão.

Embora esses dados sugiram que o divórcio do clero está-se tornando mais comum, não podemos dizer que os problemas sexuais sejam sempre a causa da separação. Sabemos, porém, que quando esposas e maridos desenvolveram um relacionamento que é a um só tempo satisfeito fisicamente e emocionalmente assegurado, em geral eles são grandemente motivados a trabalhar sem outros problemas. E nesse ponto, a declaração de Masters e Johnson segundo a qual pelo menos metade dos casais não estão satisfeitos com o seu relacionamento sexual, sugere que estamos diante de uma ver-

dadeira situação epidêmica de disfunção, que faz sua parte em incitar ao divórcio.

CRESCIMENTO PROGRESSISTA

Nossa sociedade tem testemunhado vários crescimentos progressistas no que diz respeito à sexualidade. Por exemplo, em virtude da abertura de nossa sociedade, a informação acerca da sexualidade é muito mais prontamente acessível agora. Aprendemos, entre outras coisas, que a resposta sexual não é apenas uma mistura ocasional de emoções, hormônios e músculos. Compreende uma metodologia, um ritmo e certa previsibilidade.

Esse progresso da informação é benéfico, porque a compreensão da fisiologia, do tipo de resposta e expectativas do casal proporcionam a satisfação recíproca de sua sexualidade. Outras oportunidades podem vir do conhecimento dos componentes emocionais que podem levar a sexualidade do plano físico para o plano da intimidade total. Existe agora à disposição literatura melhor do que em qualquer época anterior, para auxiliar os cônjuges a crescerem nesse sentido.

Em outros desenvolvimentos positivos, muitas pessoas de nossa sociedade já não consideram os homens que expressam seus sentimentos como moles e fracos. Agora o homem pode admitir que gosta de ser acariciado, embalado, afagado e abraçado. A *fome da pele* está-se tornando uma expressão aceitável. Precisamos compreender que o desejo de ser tocado com as mãos não desaparece na idade escolar — embora essa seja a época às vezes em que o contato entre os pais e os filhos diminui.

Outro crescimento positivo inclui um conhecimento crescente da saúde e o interesse que as igrejas estão demonstrando pela educação matrimonial, incluindo a comunicação sexual. Muitos programas de igreja incluem regularmente atividades de enriquecimento matrimonial. Precisamos continuar a ajudar os membros de igreja a verem essas atividades não como a admissão de um problema, mas como a compreensão de que todas as coisas boas precisam crescer para continuar boas. O fato de os pastores e suas esposas estarem ocupando uma posição de liderança nessas atividades, faz com que suas próprias relações matrimoniais sejam beneficiadas.

PROGRESSOS NEGATIVOS

Mas nem todas as notícias são boas. Temos ainda que pôr em inatividade muitos mi-

tos que atrapalham o relacionamento sexual. A remanescente confusão pastoral acerca das atribuições do sexo, vem às vezes à tona, originando problemas pessoais e de aconselhamento. Muitas vezes aplicamos a recomendação de Paulo no sentido de evitar defraudar sexualmente a própria esposa (I Cor. 7:5), apenas à mulher. Precisamos entender que a falta de bondade, consideração, de preparação afetuosa para a sexualidade conjugal pode também defraudar o companheiro. A verdadeira união sexual é um ato de mutualidade, não a satisfação de uma pessoa apenas.

Por causa do seu programa de trabalho, o pastor e sua esposa devem tudo fazer para reservar o seu tempo de estarem juntos, em intimidade. As experiências sexuais apressadas, tornar-se-ão rotineiras e sem vida. Cumpre que o casal planeje no sentido de dedicar tempo para essa gratificante experiência. Compete-lhes também tornar maior a satisfação, descobrindo maneiras criativas de iniciar, de fazer a corte e de se aceitarem.

Ao proporcionar uma satisfação em que ambos tomam parte, o contato físico do sexo ajuda a unir o casal. De alguma forma, restabelece ele a arte da cortesia. Ele não se mantém estático. Não fica indiferente. Com a comunicação e a repetição ele continua a desenvolver-se. Creio que isto encerra uma das mais fortes razões de fidelidade por toda a vida. Com o passar dos anos, o casal se familiariza com o ritmo e cadência de seu relacionamento sexual e o enriquece.

Parece tudo isto muito idealístico? Espero que sim, pois sou muito a favor dos ideais. O idealismo é uma forma de agir ou idéia baseada numa concepção das coisas como estas devem ser. Creio que é plano de Deus que Seus ministros tornem esta parte de suas vidas tão agradável, tão pura e tão encantadora que seu sentimento de amor possa ir diretamente do pastorado e contagiar os membros da igreja.

Algumas pessoas acham que a nova liberdade que permite a homens e mulheres trabalharem juntos em escritórios, lojas e instituições é um desenvolvimento negativo. Acham que se as mulheres voltassem para o lar "onde elas devem estar", teríamos menos incidentes de infidelidade.

Este problema é relevante em especial para os pastores, que são ensinados a ser desprendidos e compassivos. Esses traços podem fazer o pastor parecer irresistível a um membro de igreja cuja esposa não exibe nenhuma dessas graças. O conselheiro que está experimentando dificuldades con-

jugais pode ser muito vulnerável às mensagens "se tão-somente meu esposo me entendesse como o senhor", da consulente. Somente uma boa e resoluta dose de entrega intelectual e uma rica medida da graça de Deus, pode guardar o conselheiro de cair presa de semelhante tentação.

O pastor pode reforçar sua linha de defesa contra a tentação construindo seu relacionamento com a esposa. Se ambos têm algum sentimento de retraimento ou de rejeição, se não fizeram um estudo (e que maravilhosa obra de progresso isso pode realizar!) do enriquecimento do toque e do emprego de frases generosas e de amor no trato diário, o resultado pode ser problema no pastorado. Se, porém, sua entrega é firme, constantemente proclamada e invariavelmente vivida, então a mensagem dada aos membros é "tudo está bem conosco — apanhamos um lampejo do plano de Deus para o marido e a esposa no casamento." Representar mensagem como essa não é obra do acaso. Requer esforço deliberado, dedicação total e muito tempo gasto juntos. Mas não é isso o que significa deixar e unir-se (Gên. 2:24)? Não é o que cada um deseja, quando assume a experiência do casamento?

RESTABELECE O GALANTEIO

Deveríamos revelar muita ternura, contato manual, aconchegos e carícia que não são considerados parte de um ato sexual. Gostávamos muito desses gestos quando estávamos namorando; relegamos isso tão depressa ao passado? Por que precisaria cada contato ser sexualizado? Particularmente as mulheres se ressentem disto.

E ouvimos tão poucas declarações de afeto e carinho! Devia haver no lar de cada pastor vários livros de poesia sobre o amor, para que marido e mulher os lessem em voz alta um para o outro. Começar com Cantares de Salomão em sua totalidade, lendo cada qual a parte apropriada para a noiva ou o noivo — talvez com uma bebida à base de suco de frutas efervescente para cada qual brindar ao outro em lugares particularmente significativos (a Nova Versão King James e a Nova Versão Internacional dividem o diálogo em partes destinadas à noiva e ao noivo).

Deus não pretendia que a união conjugal fosse uma simples atividade desenvolvida em meio de murmúrios e tensões que vão e voltam. Desejava que esta satisfação legítima atraísse o homem e a mulher um para o outro de maneira tão íntima, tanto no plano emocional como espiritual, que os momentos de incerteza e abatimento fossem superados.

De Que Espécie Foi a Última Ceia do Senhor?

As narrativas da Ceia do Senhor no Novo Testamento, acham-se representadas em duas diferentes tradições que se encontram principalmente em alguns relatos nos Evangelhos e na Primeira Epístola aos Coríntios. Encontramos diversos relatos nos Evangelhos, nos quais se fala de Jesus partindo o pão antes e depois da última ceia, bem como de outras narrativas relacionadas com Ele partindo o pão, conhecido como a Eucaristia. Na Igreja Católica, o sacramento da Eucaristia é conhecido por diversos nomes, tais como: Santa Comunhão, Ceia do Senhor e Missa. Este sacramento é celebrado e entendido como um descendente direto da última ceia,¹ observada por Jesus e Seus discípulos e pela igreja primitiva.

Em tudo o que se tem escrito com respeito à Ceia do Senhor, o problema principal gira em torno de várias perguntas relacionadas com isso, as quais são interpretadas e respondidas de várias maneiras. A. Schweitzer mostra que a crítica sempre gira em torno dessas perguntas. Os eruditos investigam se o ambiente que cerca o estabelecimento das instituições é defensável e se a exegese desses fatos é correta.² A maioria deles tem que ver com o assunto da cronologia e com a relação que existe entre a Ceia do Senhor e a Páscoa.

Neste artigo, limitar-nos-emos a estudar o fato histórico da última Ceia do Senhor; a perguntar que espécie de ceia foi ela; e, finalmente, a analisar seu significado.

MARCO HISTÓRICO

A Ceia do Senhor tem sido objeto de muitos e recentes debates entre os eruditos. O centro desse debate é a relação entre a Ceia do Senhor e a Páscoa judaica. Antecedentes daquela refeição, a qual Jesus e Seus seguidores tomaram juntos no aposento alto, são encontrados no mundo antigo.

As pessoas comiam principalmente para satisfazer sua fome e sentir o prazer proporcionado pela comida e a bebida.³ Não obstante, havia outros motivos além dessa razão básica. B. Klappert comenta que, nas religiões antigas, o comer e o beber eram simbolicamente orientados; isto é, o companheirismo particular e público, estavam ligados com o aspecto sagrado.⁴ As pessoas nutriam o pensamento de que se as famílias e os clãs se agrupassem em torno de um banquete religioso, recebiam por intermédio deste uma porção do poder divino, consumando a reunião com a Divindade.

Na religião helenística, essa refeição *Deipnón* tinha o sentido de uma refeição sagrada, era coisa comum e desempenhava um papel importante. Cria-se, como em outras práticas religiosas antigas, que eles se assentavam à *Trapeza Tou-Theou* (a mesa de Deus) e, por meio desse banquete, entravam em comunhão com a Divindade. O termo *Deipnón* não desempenha um papel importante na LXX. As festividades e sacrifícios realizados nos tempos do Antigo Testamento, relacionados com alimentos de cunho cultural, apresentam as pessoas comendo diante do Senhor e regozijando-se (Deut. 12:7).

O autor alemão já citado, B. Klappert, faz referência ao período em que a Páscoa era comida por Israel, o período nômade. O cordeiro era morto pelo chefe da família no dia 14 de Nisã, ao entardecer (Êxo. 12:8).⁵ Depois da reforma de Josias (621 A.C), a morte dos cordeiros e o comer a Páscoa passaram a ser efetuados em Jerusalém. No tempo de Jesus, o costume de celebrar a Páscoa continuava lembrando a aplicação do sangue sobre o umbral da porta e a libertação do povo de Israel.

No conceito posterior do judaísmo, encontram-se paralelos com a refeição cultural além da comunidade de Qumran no Mar

Morto. I. H. Marshall, diz que o mais importante para nós, no que respeita a esta seita de Qumran, é que eles tinham refeição em comum.⁶ O sacerdote presidia a bênção sobre o pão e o vinho no início da refeição. Há indícios de conceito escatológico da seita, referente a comer com o Messias, no qual se fala de pão novo e beber vinho novo.

Em geral, no Novo Testamento, a palavra é usada com significado teológico e com a finalidade de culto, em I Cor. 11:20.

Kuriakón deipnón, a Ceia do Senhor. A refeição na noite de confraternização da comunidade constitui um serviço divino. A expressão "a Ceia do Senhor" (*Kuriakón deipnón*) ocorre somente em I Cor. 11:20 e seu significado está relacionado com a frase em I Cor. 10:21 (*Trapeza Kurión*) "Mesa do Senhor".⁷ Em ambas as passagens a palavra Senhor (*Kurios*) está bem arraigada na tradição e na designação Ceia do Senhor (I Cor. 10:22; 11:27 e 31 em diante). Os relatos da Ceia do Senhor chegaram até nós de quatro maneiras (S. Mat. 26:17-29; S. Mar. 14:12-26; S. Luc. 22:15-20; I Cor. 11:23-25).

DE QUE ESPÉCIE FOI A ÚLTIMA CEIA?

Na discussão acerca da relação entre a Ceia do Senhor e a Páscoa, não houve até agora nenhum entendimento. A. Higgins, diz que a dificuldade em se chegar a uma conclusão repousa nas importantes diferenças entre os eruditos nessa questão.⁸ Tais argumentos podem ser tão diferentes de ambos os lados, que jamais poderia ser obtido um completo acordo. O problema surge das diferenças existentes entre os evangelhos sinópticos, por um lado; e da descrição da Ceia pelo próprio Senhor, e os acontecimentos que cercam os três evangelistas, por outro.

Aparentemente, os evangelhos sinópticos confirmam que Jesus celebrou a Páscoa com Seus discípulos e que a Ceia do Senhor se originou da Páscoa (S. Mat. 26:17-29; S. Mar. 14:12-25; S. Luc. 22:7-20). O Evangelho de S. João, contudo, sugere que a Ceia do Senhor ocorreu antes da festa da Páscoa (S. João 13:1, 2, 21-30). É interessante notarmos como muitos eruditos concordam com o ponto de vista de que a Ceia do Senhor foi a ceia da Páscoa e vice-versa.

Eruditos contemporâneos, como I. Howard, Marshall, A. J. Higgins e R. P. Martin, estão de acordo em que os Evangelhos sinópticos sugerem que a Última Ceia de Jesus foi uma ceia de páscoa.⁹ O banquete que os discípulos foram convidados a preparar para celebrar a Ceia do Senhor (S. Mar. 14:12-16; S. Luc. 22:1-3) é claramente deno-

minado de a Páscoa.¹⁰ Além do aspecto controverso entre a Ceia do Senhor e a Páscoa, há também o problema da cronologia de S. João, como foi salientado acima. O Evangelho de São João. (S. João 13:1-3, 21-30) coloca a Ceia do Senhor antes da festa da Páscoa.

SIGNIFICADO DA CEIA DO SENHOR

A Ceia do Senhor representou para Jesus o mais importante banquete, depois daquele em que tomou parte na Galiléia. Este último, revestiu-se de um solene significado original derivado da Páscoa.¹¹ "De acordo com o relato dos Evangelhos sinópticos, Jesus celebrou a Última Ceia como uma ceia de páscoa. O erudito inglês em Novo Testamento, R. P. Martin, diz que o significado da páscoa de Jesus não está naquilo que Ele fez, mas no que Ele disse;¹² em outras palavras, Jesus deu nova e viva interpretação ao verdadeiro significado da Páscoa.

É interessante notarmos como Jesus mandou Seus discípulos irem ao encontro de um homem que levava um cântaro de água. Dir-se-ia que Jesus fez arranjos antecipados para que eles pudessem celebrar a Ceia sem problemas. O Dr. Marshall, comenta que Jesus possuía certo conhecimento de Sua situação e estava dando os passos necessários para evitar ser preso antes de Se preparar para isso.¹³ Jesus conhecia o perigo iminente que O cercava, e estava determinado a celebrar a Última Ceia sem interrupção.

Um segundo ponto de importância com relação à natureza da Ceia do Senhor é Sua despedida dos discípulos.¹⁴ O Evangelho de S. Lucas apresenta a Jesus como desejando muito comer aquela páscoa com os discípulos antes de Sua morte. Dessa forma, não há dúvida de que a Ceia teve o sentido de que Jesus Se estava despedindo de Seus discípulos. O ato de Jesus, em relação com o que Ele disse e fez, parece não estar muito claro entre os eruditos, como indicou H. Shumann.¹⁵

As palavras da instituição são encontradas em diversos exemplos (S. Mat. 26:26; S. Mar. 14:22; S. Luc. 22:19). O significado do pão é bastante claro em São João. A. Schweitzer diz que tomado do seu contexto completo, São João 6:51-58 nos permite entender pela fé que o discurso de Jesus fala sobre o pão desde o versículo 26.¹⁶ O pão simboliza a carne de Cristo; isto é apoiado pelo capítulo 6:56, cuja linguagem deve ser considerada apenas em sentido espiritual, especialmente os versos 60-65.

A importância do cálice está relacionada com a idéia do concerto (Êxo. 26:3-11) que Deus fez com o povo de Israel. O pacto fr cassou por causa da desobediência e rebelião dos israelitas. O profeta Jeremias fala acerca de um novo pacto que seria feito, e o seu cumprimento foi anunciado por Jesus na última ceia com os discípulos. Esse concerto não se baseia em sacrifícios de animais, senão no sangue do Filho de Deus, o qual é capaz de satisfazer as exigências da lei. Era necessário o sangue de Cristo para a redenção. Mais adiante, Jesus interpretou Sua morte como o meio de ratificar o novo concerto mencionado por Jeremias (cap. 31:31-33). Observa-se isto nas palavras de Jesus: "Isto é o Meu sangue, o sangue do novo testamento..." (S. Mat. 14:24). Elas são quase idênticas às palavras de Êxo. 24:8, onde se encontra a ratificação do antigo concerto com Israel. O pronome "Meu" indica que Jesus colocou Seu sangue em contraposição ao do concerto dos animais do Antigo Testamento, e que Ele via Sua morte como pondo término ao antigo con-

certo e dando-lhe cumprimento; como sacrifício Supremo, precisava introduzir o novo e dar-lhe permanente validade.

REFERÊNCIAS

1. A. J. Higgins, *The Lord's Supper in the New Testament* (Londres: SCM Press LTD, 1952, pág. 9)
2. Albert Schweitzer, *The Problem of the Lord's Supper*, traduz. A. J. Mattill (Macon: Mercer University Press, 1982), págs. 58 e 59
3. I. Howard Marshall, *Last Supper and Lord's Supper* (Grand Rapids: W. B. Eerdmans Publishing Company, 1980).
4. Colin Brown, gen. ed., *The New International Dictionary of New Testament Theology*, 3 vols. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1975), vol. 2: *Lord's Supper*, by B. Klappert, pág. 520.
5. Brown, 2:521
6. Marshall, pág. 23.
7. Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, trans. Geoffrey W. Bromley, 10 vols. (Grand Rapids: W. B. Eerdmans Publishing Company, 1964), vol. 2: *deipnón deipnéo*, por Johannes Behm, pag. 34
8. Joachim Jeremia, *The Eucharistic Words of Jesus* (Oxford: Basil Blackwell, 1955), págs. 177-183. Ele dá uma lista pormenorizada dos eruditos que concordam com isto, tais como Julicher, Zahn, Merx, Billerbeck, Dalman, W. Bauer, L. E. Carpenter, A. Schweitzer, Torrey, Schneewind. Entre os que não concordam estão: Straus, Renan, Goetz, Batiffol, J. Weiss, Weihausen, Burkitt, Heilmüller, G. Beer, Loisy, Schlatter, Oesterley, Lietzmann, K. L. Schmidt, Bultmann, Dibelius
9. Ver Marshall, pag. 57, Higgins, pag. 13; e R. P. Martin, *Worship in the Early Church* (Grand Rapids: W. B. Eerdmans Publishing Company, 1975), pag. 110.
10. Marshall, pag. 57.
11. R. P. Martin, *The Worship of God* (Grand Rapids: W. B. Eerdmans Publishing Company, 1982), pag. 151.
12. Martin, *Worship in the Early Church*, pag. 116.
13. Marshall, pag. 77.
14. *Idem*, pag. 80. Aqui ele dá uma explicação pormenorizada da ideia de uma ceia de despedida
15. *Idem*, pag. 83.
16. E. Schweitzer, *The Lord's Supper According to the New Testament*, M. Davis (Philadelphia: Fortress Press, 1967), pag. 34.

JOHN OSBORN - Ex-diretor de Associação Ministerial

Pobreza no Púlpito

“A pregação tem experimentado tempos difíceis. Não há muitos pregadores bíblicos no púlpito hoje em dia.” Assim se expressou o famoso pregador escocês, Dr. James E. Stewart, numa entrevista pessoal que tive com ele em Edinburgo. Quando lhe perguntei quem ele considerava como o pregador bíblico importante na América do Norte, respondeu: “Honestamente, no momento não me ocorre nenhum.”

Atualmente o Dr. Stewart é considerado uma autoridade no campo da pregação — um pregador bíblico de renome. Dessa forma, o que ele diz no tocante à pregação contemporânea, fá-lo com autoridade.

Em décadas deste século, e mesmo em de cada passada, um crescente coro de vozes vem deplorando um empobrecimento cada vez maior do púlpito. Em 1920 Harry Emerson Fosdick já declarava que muita pregação se caracterizava pela futilidade e monotonia. O grande pregador de Londres, Carlos Spurgeon, deve ter ouvido a alguns de seus colegas antes de discursar apaixonadamente: “É vergonhoso ascenderdes ao púlpito e despejar sobre vosso povo caudais de lin-

guagem, cataratas de palavras, nas quais meras vulgaridades são apresentadas como solução, à semelhança de grãos infinitesimais de remédio homeopático em um oceano de elocução.”

Livros atuais sobre pregação, deploram também o pobre estado da arte. Atribui-se à pregação inferior, indolência, falta de aplicação e um descuidado trabalho de pregação. Creio que a avaliação a atinge diretamente na cabeça. De fato, um jovem pregador de um seminário que eu estava dirigindo, declarou: “A pregação já era. Já caiu da moda. Tudo o que precisamos fazer é levantar-nos e falar durante trinta minutos, depois deixar que a congregação responda por cerca de vinte minutos.” Respondi: “Para quê? Para partilhar sua ignorância e opiniões pessoais? Este não é o conceito bíblico da pregação.”

Não só os pregadores clamam contra a pobreza da pregação contemporânea, mas também os leigos, aqueles que ouvem. Eles sentem que a maioria dos sermões são insípidos e pouco interessantes, e que o pregador está falando demais e usando linguagem

desconhecida para eles, e que muitas pregações não atendem a suas necessidades.

Durante o tempo que servi como presidente da Associação Nova Jersey, muitas vezes os leigos vinham conversar comigo a respeito da pregação que eles estavam ouvindo. Uma senhora me disse: "Temos um pastor maravilhoso; nós o amamos. Mas ele não consegue pregar. Há alguma coisa que o senhor possa fazer para ajudá-lo?" Bem, pelo menos eles o amavam porque ele era um bom pastor. Mas ele não conseguia pregar. E ouvi isto inúmeras vezes.

Se a pior coisa que se pode dizer de um professor é que ele não sabe ensinar, a pior coisa que se pode dizer de um pregador é que ele não sabe pregar. O que poderia ser pior ouvir a respeito de um médico do que o fato de que ele não sabe clinicar? Que poderia ser pior ouvir quanto a um pregador do que o fato de que ele não sabe pregar? Pregador o evangelho eterno é nossa atividade principal. Não admira que muitos leigos se sintam desapontados quando mostramos ineficácia nesse trabalho essencial.

Parece evidente que enquanto a igreja moderna está progredindo, o púlpito moderno não o está, o que suscita uma pequena interrogação quanto à espécie de crescimento que a igreja está experimentando nessa época de ampla religiosidade. Muitos que freqüentam a igreja não têm um pingote de vontade de ouvir o pregador. Houve membros que me disseram: "A pregação que ouvimos cada semana é fraca. Esperamos logo uma mudança de pastores. Enquanto isso, pretendemos continuar em nossa igreja. Estamos aqui desde antes da vinda deste pastor; tencionamos continuar aqui depois que ele for embora." Seu motivo para freqüentar a igreja não é a pregação. É sua lealdade à igreja.

O bom sermão é grandemente importante para os membros de sua igreja, mesmo que não o seja para você. Uma pesquisa intensa levada a efeito pela Igreja Metodista Unida do Sul, indica que a maioria dos membros leigos dessa pesquisa exigia bons sermões. Eles lutam para manterem pregadores que sabem pregar. O relatório revelou ainda que a pergunta mais freqüente com respeito a um possível novo pregador, é: "Sabe ele pregar?" Um item adicional interessante foi o revelado por um supervisor que descobriu que uma igreja de seu distrito havia conseguido levantar o salário de três mil dólares, do pregador, para o ano seguinte. Quando ele procurou saber a respeito dessa arrecadação, a liderança da igreja respondeu: "Não tivemos outra saída. Ele sabe pregar,

e as pessoas abarrotam a igreja para ouvi-lo. Ele é o primeiro pregador bom que tivemos, e esperamos conservá-lo. Nossa intenção é providenciar o seu salário rapidamente para que o senhor não o transfira!"

Esta ilustração revela não apenas o estímulo que os leigos proporcionam ao bom pregador, mas também a morte melancólica da pregação. E aquilo que se aplica ao púlpito metodista nessa pesquisa, serve igualmente para a igreja em geral, com inclusão da nossa. Há preocupação hoje na Igreja Adventista do Sétimo Dia com qualidade medíocre e mesmo pobre de muitas destas pregações. Um notável professor de homilética e pregador nato, disse: "Há um descontentamento generalizado com a qualidade da pregação adventista. Os leigos que estimam e respeitam seus pastores, confidenciam que desejam que seu pastor pregue melhores sermões. Os homens que andam de uma igreja para outra e ouvem a muitos pregadores, estão cientes da qualidade daquilo que escutam."

Como parte de minha responsabilidade, percorro uma grande área que se estende desde Utah às Ilhas Havaianas, e desde o México aos limites de Oregon, visitando e assistindo os pastores em vários aspectos do ministério. Uma vez por mês tenho por função ouvir meus colegas pregarem. Ouço alguns excelentes pregadores, mas na maior parte das vezes a pregação é medíocre e mesmo pobre.

Recentemente, visitei uma igreja de cerca de 600 membros. O sermão do pastor naquela manhã se baseou numa palavra-chave da Bíblia. Era evidente que ele havia olhado a palavra numa concordância, escolhido seis textos desconexos nos quais a palavra aparecia, e os enfileirara, acompanhados de comentários. Ele expressou alguns pensamentos bons, mas o sermão estava desordenado, fragmentado e sem objetivo. Estava claro que ele havia refletido pouco sobre sua mensagem ou passado pouco tempo preparando-a. Faltava-lhe relevância para as necessidades da congregação, e o rebanho era despedido insaciado. Talvez a pobreza de conteúdo do seu sermão fosse uma aberração fora do comum daquele dia apenas. Se isto é um exemplo da dieta espiritual que sua congregação está recebendo, é de se lamentar.

Em face de semelhante coro de insatisfação na igreja cristã, com respeito à pregação atual, alguns têm predito sua iminente extinção. Eles acham que a época da pregação está passando rapidamente e que ela está rapidamente caindo da moda, como

meio de apresentação do evangelho. O povo está dispensando o púlpito obsoleto. A dinâmica de grupo, o diálogo e a discussão o estão substituindo.

Não compartilho desse ponto de vista pessimista, a não ser para dizer que os sintomas existem. Não acho que a pregação morrerá jamais, pois o evangelho deve ser pregado a todo o mundo até o fim. O que está passando não é a pregação da Palavra de Deus, mas a variedade vulgar de pregação contemporânea. Não é a pregação em si que está caindo da moda, mas sim, nossa maneira moderna de pregar, e, quanto mais rápido isso acontecer, melhor.

Estamos testemunhando a agonia da pregação que não é bíblica. A pregação humanística está perdendo o seu efeito. Os truques psicológicos se estão tornando grandemente ineficazes. O realce sociológico está tendo pouco impacto sobre a estrutura social decadente de nossa sociedade. Esse tipo de pregação já esvaziou as igrejas da Europa, e agora o povo dos EUA está também fugindo rapidamente do denominado estilo moderno da pregação, à procura de alguma coisa melhor. O declínio de tal pregação não é um apelo ao pessimismo ou ao fatalismo. Pelo contrário, é um convite ao reavivamento da pregação bíblica!

A evidência bíblica defende o ponto de vista de que a pregação sobreviverá a seu declínio. A promessa de Deus relativa à eficácia de Sua Palavra é ainda verdadeira. "Porque assim como desce a chuva e a neve dos céus, e para lá não torna, mas rega a terra, e a faz produzir, e brotar e dar semente ao semeador, e pão ao que come, assim será a palavra que sair da Minha boca; ela não voltará para Mim vazia, antes fará o que Me apraz, e prosperará naquilo para que a enviei" (Isaías 55:10 e 11).

Aqueles que estão interessados em atentar para um pregador, precisam ouvir o que Deus tem a dizer, em lugar da opinião do pregador, não importa quão grande seja o seu brilho intelectual. Há um tremendo poder de incisão na Palavra de Deus, "porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração" (Heb. 4:12).

Pode-se ilustrar quão eficaz pode ser a Palavra, por meio de uma experiência do famoso Carlos Spurgeon, que devia falar no Crystal Palace de Londres. Não havendo em seu dia nenhum tipo de discurso, Spurgeon foi ao auditório praticar a projeção de sua

voz. Subindo ao pódio, disse em voz alta: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (S. João 1:29). Um zelador que estava trabalhando na sacada, ouviu aquele fragmento da Palavra de Deus. Ele lhe traspassou a alma como uma espada de dois gumes. Aquele homem não era cristão, mas agora, com profunda convicção, entregou o coração a Cristo. O pronunciamento de um texto da Bíblia com o propósito de treinar o sermão, transformou-lhe a vida! Esse foi um milagre da Palavra de Deus, que não deve ser creditado a Carlos Spurgeon.

Na prática, a pregação tanto pode ser vacilante como eloqüente. Se bíblica, a pregação vacilante pode contribuir mais para a salvação de seus ouvintes do que a pregação eloqüente que não é bíblica. Não é o instrumento, mas a Palavra do Deus vivo, que traz os benditos resultados à pregação. Se a Bíblia for fielmente exposta, pode-se esperar o cumprimento da promessa divina: "Minha Palavra não voltará vazia."

O Senhor pode usar com mais sucesso o mais humilde pregador leigo que anuncia a Palavra, do que o maior pregador que proclama sua *própria* palavra.

A pregação sobreviverá a seu declínio, porque é o método ordenado por Deus de conquistar homens para Cristo. "Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela Sua sabedoria, aprovou a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação" (I Cor. 1:21). Deus ordenou que os homens e mulheres fossem ganhos para Ele pela loucura da pregação. Os homens podem predizer que a pregação se tornará obsoleta. O Senhor pensa de outra maneira.

A "loucura da pregação" parece ser uma expressão estranha. Na verdade, é o *conteúdo* da pregação que é loucura para o mundo. O evangelho é um ato insensato, aos olhos do homem, contrário a toda lógica humana. Consiste da humilhação de Cristo na realidade histórica de Sua vida e morte. E os cristãos, também, são sempre loucos no conceito do mundo. Eles tomam parte na loucura da humilhação de seu Salvador. Pregam conceitos aparentemente loucos do evangelho, tais como oferecer a outra face, andar a segunda milha, amar os inimigos, fazer o bem aos que vos maltratam. A pregação do Cristo crucificado é loucura para o coração descrente.

Todavia, em que pese ser por meio da loucura da pregação que alguns homens devem ser salvos, precisamos lembrar-nos de que nossa pregação deveria ser louca o menos possível. Em outras palavras, cada pregador deveria, como pregador que é da Pa-

lavra, estar constantemente procurando desenvolver sua capacidade. É verdade que o Senhor pode abençoar qualquer exposição de Sua Palavra, não importa quão humilde seja ela. Mas é também verdade que Ele pode usar mais eficazmente um pregador bem preparado, do que um treinado de maneira inadequada, não obstante tanto um como o outro serem consagrados a Deus. O Senhor usou poderosamente os humildes pescadores galileus que se tornaram Seus discípulos. Seu poder e influência sobre almas salvas através de seu ministério é ilimitado. Contudo, foi o erudito Paulo, com sua habilidade e conhecimento, que causou o maior impacto sobre a igreja nascente e seu ministério.

Deus pode usar qualquer espécie de instrumento a Ele piedosamente dedicado, mas pode usar uma ferramenta afiada com mais eficiência do que uma ferramenta cega. Uma foice embotada cegará algum grão, mas uma afiada cegará muito mais. Conseqüentemente, como estudante das Escrituras Sagradas e anunciador de suas verdades no púlpito, deve o pregador esfor-

çar-se constantemente para ser melhor tanto em um como no outro aspecto. Deve existir uma contínua santa insatisfação com seus conhecimentos como estudante da Bíblia e como pregador desta, estimulando-o a maior aptidão em ambas as coisas.

A pregação tem experimentado tempos difíceis. Estamos testemunhando um perigoso declínio. Alguns lhe estão pregando o fim definitivo como uma influência na cristandade. Na verdade, a pregação tem experimentado seus altos e baixos através dos séculos, mas sempre retornou com poder e vigor. Sempre que houve um reavivamento no estudo da Palavra de Deus, houve também um reavivamento na pregação. A pregação tem sido um poder na igreja desde o início desta. Jesus veio, pregando. Paulo veio, pregando. Através dos séculos cristãos a pregação tem sido o meio que Deus usa para salvar os homens.

A pregação reviverá novamente e continuará até o fim. "E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim" (S. Mat. 24:14).

O ESPÍRITO SANTO

Cristo, o grande Mestre, possuía ilimitada variedade de assuntos de que escolher, mas aquele em que mais longamente demorava era a dotação do Espírito Santo. Quão grandes coisas predisse Ele para a Igreja em virtude desse dom! Todavia, que assunto é menos considerado agora? Que promessa é menos cumprida?

Faz-se um discurso ocasional acerca do Espírito Santo, e depois o assunto é deixado para consideração posterior.

E. G. White.
